

## **A Prática Discursiva do Vestibular: da produção de textos à emancipação identitária**

Marcos Vinícius Ferreira passos<sup>1</sup>  
Juliana de Freitas Dias<sup>2</sup>

### **Resumo**

Em meio à globalização e à conjuntura da pós-modernidade, percebemos que a escola, a produção de textos e os vestibulares têm conectado práticas discursivas específicas que poderão representar pontos cruciais na construção da vida social. Considerando as referências teóricas de Chouliaraki & Fairclough (1999) e Fairclough (1989, 1992, 1995, 2001), entende-se que o discurso não é apenas a representação da realidade, mas também um modo de constituir o mundo em que se vive, podendo, portanto, compreender e contribuir para as mudanças sociais a que estamos subordinados. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é discutir, à luz do arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, quais elementos constituem a prática discursiva do vestibular e esta exerce poder significativo na vida dos envolvidos em tal processo. São passos para a análise metodológica deste trabalho: (1) o exame das propostas de redação do vestibular da Universidade de Brasília, no intuito de compreender quais concepções de linguagem, texto e leitor são pressupostas nesse evento social, além de compreender quais as marcas linguísticas de identidade são encontradas e como elas constituem a linha argumentativa do sujeito e (2) a reflexão sobre os documentos que regulam a elaboração de vestibulares da Universidade e o ensino de língua portuguesa (Parâmetros Curriculares Nacionais).

**Palavras-chave:** vestibular, discurso, texto, identidade, sujeito.

### **Abstract**

In the context of post-modernity, it's possible to realize that school, compositions e the specific exams are together discursive practices, who will show important aspects of social life. Using the theoretical references of Chouliaraki & Fairclough (1999) and Fairclough (1989, 1992, 1995, 2001), discourse is not only the representation of reality, but one way of build the world we live, therefore it could contribute to social changes we see. Furthermore, the aim of this paper is study, based on theoretical-methodological framework of Critical Discourse Analysis, which elements are involved in University's contests and how it has influence in life of who is in this process. There are many steps for this work: (1) analysis of composition text's purpose of University of Brasilia for how language's conception, text and reader are involved in this socil event; and understand which language's identities are found and how it could contribute for the argumentative idea e (2) thought about documents and its rules in creation of contests or Portuguese's teaching.

**Key-words:** contest, discourse, text, identity, subject.

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística pela Universidade de Brasília com foco em Análise de Discurso Crítica.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília com foco em Análise de Discurso Crítica. Professora e pesquisadora vinculada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (UnB/LIP).

## 1. Considerações Iniciais

Um dos pontos mais inquietantes em nossa experiência como docentes e pesquisadores que nos instigam a levar adiante novas pesquisas diz respeito à arraigada discrepância existente entre a realidade prática do ensino de produção textual e a construção teórica, contínua e relevante em meio às discussões acadêmicas e institucionais. Em outras palavras, a universidade e os documentos reguladores do ensino de língua portuguesa, como os PCNs, concebem a linguagem como prática social, o texto como um evento interativo e o vestibular como uma prática social particular, que é marcada por relações assimétricas de poder. De encontro a essas considerações, a escola reage à teoria e continua a estabelecer sua prática de forma tradicional e conservadora, compreendendo os textos como ‘evento puramente gramatical’, em que, no máximo, se procura as particularidades linguísticas do gênero ao qual se articula. Tais considerações podem ser percebidas, simples e claramente, pelas provas, discursos e formas de correção de redações dos alunos de ensino médio ou cursinhos pré-vestibulares.

Esclarecendo os posicionamentos, percebe-se que, paulatinamente, a escola, amparada em uma concepção de linguagem como estrutura gramatical e desmembrada de funções sociais, dilacera as possibilidades de se construir um texto autoral dos produtores de texto. Além dessa consideração, a escola usa diversos fatores que levam ao desmantelamento da identidade autoral dos alunos, como por exemplo, valorização de textos que ‘exigem’ a impessoalidade, penalização do uso da 1ª pessoa, metaforização e interlocução com o leitor. Estes aspectos, naturalmente facilitavam o encontro de marcas linguísticas autorais, que levam ao reconhecimento da identidade de sujeito.

Conscientes de que o exame ‘vestibular’ tornou-se um divisor de águas na vida real dos estudantes do Ensino Médio, sabemos que, de fato, essa associação é realiza uma influência direta para a manutenção da escola como ela é no século XXI.

Propomos, então, a problematização das questões teóricas aqui elencadas como forma de examinar as propostas de redação em Língua Portuguesa dos vestibulares e do PAS, especialmente na Universidade de Brasília, com o intuito de verificar os processos de hibridizações locais e globais a partir da definição (ou não) dos gêneros textuais.

Para realizar essa tarefa, traçaremos um percurso teórico e metodológico que antecede e sustenta as análises dos dados. Iniciaremos, nas seções de 1 a 3, com os postulados teóricos da (i) Análise de Discurso Crítica (doravante ADC); (ii) estudos sobre identidade; (iii) estudos sobre gêneros textuais. Em seguida, na seção 4, apresentaremos o arcabouço analítico da ADC e o *corpus* coletado. Na última seção, analisaremos os dados que compõem nosso *corpus* e apreciaremos os resultados finais.

## **2. Análise de Discurso Crítica: interfaces teóricas**

A Análise de Discurso Crítica (ADC) constitui um arcabouço teórico-metodológico de estudo da linguagem em meio às relações sociais que se estabelecem contextual e textualmente orientada. Trata-se de uma vertente crítica do estudo do discurso e consiste em um aparato complexo de investigação transdisciplinar, tendo como base as diversas teorias sociais e linguísticas em vigência. Fairclough (2003, p. 8) define que

a análise de discurso (uma versão da ‘análise de discurso crítica’) é baseada na suposição de que a língua é uma parte irreduzível da vida social dialeticamente conectada a outros elementos de vida social, de forma que não se pode considerar a língua sem levar em consideração a vida social.

Bebendo da fonte de Bakhtin e Foucault, em que se teoriza sobre os discursos, os sujeitos e as suas relações com a sociedade, pesquisadores contemporâneos como Fairclough (1999, 2003), Wodak (2008) e Teun Van Dijk (1998, 2005) discutem como a linguagem pode constituir a vida social e é espelho, assim como espelham, relações desiguais e ideológicas de poder, de forma que existem e persistem muitas assimetrias. Dessa forma, percebe-se que as pesquisas em ADC justificam-se por entender os problemas sociais e as situações a que se subordinam os grupos marginalizados e/ou prejudicados por relações ideológicas de poder, as quais corroboram assimetrias. O

analista crítico do discurso se propõe a apontar problemas, relações assimétricas e passa a estudá-las de forma que se possa transformar a realidade social.

É importante levar em consideração que discursos, muitas vezes, pressupõem, por senso comum, ações escritas; no entanto, para a ADC, sabe-se que discursos estão implícitos ou explícitos em qualquer relação social, tal como a posição onde se sentar em um auditório, como tomar turno em uma conversa com o chefe ou escrever um e-mail para seus empregados.

Tal perspectiva teórico-metodológica surge em meio a diversas transformações econômicas e sociais pelas quais o mundo tem passado, constituindo-se, aos olhos de Fairclough (2003, p.), o *novo capitalismo*, como uma conjuntura social, ideológica, sistemática de valores, crenças e estruturas sociais que se entrelaçam de modo congruente. Segundo Fairclough (1999), tais mudanças afetam os nossos sentidos de “eu” e de “lugar”, conforme aborda Hall (2003), e se constroem como estratégias particulares de pessoas ou instituições particulares de modo que se beneficiam os objetivos de campos específicos. Esse fator implica na necessidade de uma teorização crítica e de um exame detalhado da modernidade, a fim de se conscientizarem acerca dos discursos nos quais estamos inseridos ou somos excluídos. Em outras palavras, Fairclough (1999) defende que “as novas construções discursivas representam novas práticas discursivas e novas práticas sociais. O mundo (no sentido da pós-modernidade) é constituído por ações discursivas que envolvem um processo colaborativo de construção do mundo por meio da articulação da linguagem cotidiana com o discurso do sistema econômico”.

As transformações do capitalismo têm ramificações ao longo de toda a vida social, e, como tema de pesquisa, o “capitalismo novo” deveria ser interpretado, em sentido amplo, como o que concerne ao modo como essas transformações repercutem na política, na educação, na produção artística e em muitas outras áreas da vida social.

Em outras palavras, chegamos a algumas ideias que serão basilares na perspectiva de estudo do analista crítico do discurso. Para Chouliaraki & Fairclough (1999), a ADC tem dois momentos muito claros: um primeiro ponto, real, em que se mostra a realidade, se desvelam as desigualdades sociais, se revelam as ideologias e

demonstram as relações de poder e de hegemonia; o segundo ponto em que se propõe o que deveria ser. Como contribuição representativa das leituras de Chouliaraki & Fairclough (1999), vemos que existe uma relação dialética entre a estrutura social e o discurso, de tal forma que se reconfigura o quadro teórico da ADC.

A proposta de Fairclough (1999) condiz à visão de que a análise parte do problema social a que estamos expostos. Dessa forma, torna-se importante que façamos uma análise da conjuntura. Para tal conceito, expandimos a visão de contexto ou de prática discursiva, em que se delimitam como “relativamente duráveis, analisam práticas relativamente permanentes ao redor de um projeto social específico” (1999, p. 92).

Dentro da análise, avaliam-se os diversos elementos que constituem a vida social, como o discurso, os momentos sociais, a atividade material e os fenômenos mentais. Sendo assim, compreende-se que o discurso passa a integrar as práticas sociais ao lado de outros aspectos, sem se reduzir ou se destacar prioritariamente, consoante com a proposição de Resende & Ramalho (2006, p.9). Para as autoras, “a centralidade do discurso como foco dominante de análises deu lugar à centralidade em práticas sociais, nesse novo enquadre, de forma que o discurso passou a ser visto como um momento das práticas sociais, interconectados a outros momentos igualmente importantes para pesquisas em ADC”.

De acordo com Fairclough (2003:159), a relação dos textos com os eventos sociais nos quais os textos estão inseridos, bem como as pessoas envolvidas nesses eventos, são aspectos fundamentais para uma visão dessas unidades textuais em sua multifuncionalidade. Os estilos são identificados, de acordo com o autor, em diferentes níveis de abstração e estão relacionados a formas pelas quais as personalidades investem nas identidades e nos papéis sociais, que são múltiplos e multifacetados. O estilo é visto como analiticamente distinto *de*, embora dialeticamente interconectado *com*, os gêneros e os discursos. O autor ressalta que estilos são os aspectos discursivos dos modos de ser, das identidades. Destaca ainda que quem você é, passa a ser parcialmente uma questão de como você fala, escreve; o modo como se mostra, se movimenta e etc.

Segundo Dias (DIAS, 2013- no prelo) analisar a conjuntura de uma questão de

pesquisa significa priorizar um olhar mais detalhado sobre a configuração de práticas da qual o discurso faz parte, cujo foco recai na associação das práticas sociais localizadas no cruzamento de diferentes instituições. Dessa forma, percebe-se que o discurso é apresentado como parte da atividade concreta ou como construção reflexiva da prática. Assim, um dos aspectos da análise da conjuntura é, pois, localizar o discurso analisado no tempo real de forma a relacioná-lo com os processos de produção e de consumo, considerando a diversidade de interpretações.

## **2-A modernidade tardia e a construção das identidades plurais**

As identidades hoje são múltiplas por haver processos distintos de migração, tanto demográfico, quanto cultural. Para isso, a globalização trouxe uma capacidade de dialogar com o global e o local, faz ao contrário do que esperavam emergirem as identidades locais, como elementos de resistência. A globalização tem um efeito pluralizador, além de se preocupar com o diferente, ao se distribuir desigualmente e ao ocidentalizar a cultura da globalização. Ainda chega à concepção de tradução cultural para assimilação de caracteres distintos. Deslocamentos contraditórios.

É possível observar que Hall (2001) produz um olhar segmentado e plural sobre distintas concepções de sujeito como sendo elementos centrais na construção das múltiplas identidades. Segundo o autor, historicamente situada, a noção de sujeito passou do iluminismo ao pós-modernismo. O iluminismo construiu-se como um movimento filosófico, histórico, sociológico de supervalorização da razão, como forma de encontrar a verdade, mediante a observação da natureza. Portanto, a concepção de sujeito iluminista se dá, centrando-se na razão. Em outro momento, já entremeados no século XIX e início do século XX, a sociologia se torna uma das áreas relevantes do estudo da antropologia. Em suma, o prisma sociológico é formado pelos múltiplos e naturais contatos entre povos distintos. No estágio mais atual, visualiza-se o sujeito pós-moderno que é marcado pelas múltiplas identidades.

Lembrando que a discussão iniciada por Moita Lopes (2001) reitera que as identidades são partilhadas diante de aspectos plurais e não particulares, colaborando para a visão de que o homem é produto de capacidades de adaptação, aprendizado e plasticidade, conforme defendido por Laraia (2001). Tais capacidades ou

competências ou construções são inerentes à natureza humana, mas também apreendidas e recuperadas diante da interação do homem com o espaço visual. Essa concepção é bastante semelhante ao que se propõe em Moita Lopes (2001), bastante representativa, o socioconstrutivismo, um modo sistemático de reproduzir identidades sociais e culturais que se constroem e reconstroem diante da vida em sociedade.

Além dessas proposições, faz-se mais necessário observar a importância que a imagem tem adquirido na pós-modernidade para a construção de outros gêneros que se consolidam em meio à pós-modernidade. Vieira (2007) expressa a consideração de que “os avanços e as mudanças nas comunicações transglobais exercem poder transformador nos eventos de escrita, alcançando principalmente o texto” (p.9). Isto significa dizer que as práticas de linguagem até metade do século passado debruçavam-se sobre uma cultura manuscrita, ou seja, um predomínio do escrito. No contexto pós-moderno, as práticas discursivas se tornam multissemióticas e multimodais, conforme descrito no início das considerações ao se referir a Marcuschi (2009) que remete o texto como um conjunto de multissistemas de construção de significado que se reforçam com o uso de outras modalidades. A pós-modernidade, conforme afirmava Vieira (2009, apud GIDENS, 1991), motivou transformações ideológicas no que concerne às preocupações com o tempo, o espaço e o modo de produzir significados, mediante o desenvolvimento de recursos tecnológicos. Comunicar-se no século XXI tornou-se cada vez mais dinâmico, rápido e objetivo. Portanto, novas habilidades são necessárias, a capacidade de compreender e promover a reflexão de um modo simples é preciso. Os agentes sociais fazem parte de contextos históricos, econômicos, profissionais em que a imagem é elemento delineador e significativo. Referências imagéticas se concretizam, se formam e se consolidam com intensidade no século XXI, o que significa dizer que tais características vão naturalmente ser encontradas na produção de textos de alunos universitários.

Vieira (2007) corroborando a ideia anteriormente reproduzida afirma: “Ao texto pós-moderno acresce a necessidade de utilizar mais do que uma articulada composição de frases e de períodos. Necessita-se de imagens e até mesmo de sons e de movimentos (TV, cinema e internet), que se entrelaçam para construir os novos sentidos exigidos pelos textos contemporâneos” (p.9). Vieira (2007) fundamenta-se nas áreas de

Semiótica Social, a qual também é arcabouço de Fairclough na Análise do Discurso Crítica.

Portanto, consideramos a Análise de Discurso Crítica como forma de examinar a modernidade que subjaz dos textos e suas possíveis relações de poder, implícitas ou explícita e discursivamente definidas que contemplam a linguagem como evento social, interativo e dialético. Amparada no paradigma da Linguística Sistêmico-Funcional, a Análise de Discurso Crítica tem se consolidado nos estudos de linguagem como um modelo teórico-metodológico, de análise de possíveis “relações dialéticas entre o social e o discursivo, permitindo a investigação de efeitos constitutivos de textos em práticas sociais e vice-versa”, conforme propõem Resende & Ramalho (2011: 111). O objetivo do capítulo proposto pelas autoras se detém na exemplificação de como se trabalhar com o texto, ou seja, o material empírico de pesquisa do analista crítico do discurso. Para isso, são apresentados sinteticamente exames de categorias analíticas já consagrados pela metodologia de trabalho em ADC, a partir do texto, então, “buscamos conexões dialéticas entre discurso e aspectos sociais problemáticos, como esforço para ajudar a superá-los” (2011: 111).

Para mapear estudos de textos em ADC, Resende & Ramalho (2011) explanam que as categorias analíticas são “formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter) agir e de identificar)-se em práticas sociais situadas” (2011: 112). Importante observar tal discussão, uma vez que os textos simbolizam elementos concretos da prática social em que se salientam discursos, ambientados sócio-historicamente. Portanto, percebem-se que as categorias analíticas são os modos pelos quais verificamos o preenchimento por outros textos, vozes, opiniões, verdades, mentiras, estereótipos acerca de determinado assunto em voga. Ainda nesse sentido, é válido mencionar que os aspectos construídos e ressignificados em textos podem produzir três instâncias complementares entre si e já comentadas anteriormente: a representação, a identificação e a ação social, o que gerariam, por conseguinte, na ADC, discursos, estilos e gêneros, respectivamente.

### **3. A linguagem como evento social permeado por gêneros**

Um dos assuntos mais relevantes e que potencializam discussões é o conceito e a

abrangência dos gêneros textuais. Diversos renomados teóricos refletem em suas ancoragens específicas a relevância dos gêneros textuais ou gêneros discursivos, conforme outros mencionam. Motta-Roth e Kleiman, na linguística do letramento, Koch e Marcuschi, na linguística do texto e Fairclough, na linguística do discurso são exemplos de autores que consolidam essas discussões como importantes.

Nos estudos críticos do discurso, Fairclough (2003) aponta que os gêneros constituem modos de agir e interagir no curso da vida social em que estamos inseridos. A partir dessa concepção, compreendemos que nos ambientamos na abordagem escrita ou falada dos textos, o que nos distinguirão de modo efetivo e funcional. A linguagem, por ser um elemento que constitui a realidade do ser humano, enquanto o discurso é um dos seus marcadores principais.

Fairclough propõe que as formas de ação, interação e representação em eventos sociais são delineadas pelas práticas sociais e ainda pelos modos como estão articulados. Dessa forma, os gêneros podem se organizar de modo abstrato, assim como mais próximo à realidade. A construção abstrata dos gêneros promove a criação de pré- gêneros, estes, portanto, ligados a sequências linguísticas básicas e constituidoras da realidade social do evento: narração, argumentação, descrição, conversação. Os gêneros mais situados, em uma perspectiva macro, desenvolvem atividades mais contornadas como entrevistas, bilhetes, cheques, pintura, filmes, etc.

Marcuschi também considera as noções de tipo ou tipologia textual e propõe que esta diz respeito aos recursos linguísticos utilizados para a composição dos gêneros, isto quer dizer que são características componenciais dos gêneros. Gêneros, por sua vez, são modos, maneiras, linguísticos de estruturar uma sociedade para que esta se firme e se concretize como tal. Além disso, a teoria de Fairclough nos faz ler que ainda existem os gêneros situados, que legitimam não só fenômenos mentais, mas também atividades materiais concretas e constituem uma rede particular de práticas, como uma pesquisa de doutorado, um vestibular, um concurso público.

Conforme o pensamento de Marcuschi, a sociedade organizou modos de se organizar enquanto sociedade, isto é, por gêneros textuais. E diante da atualização dos gêneros, surgem outros gêneros. No entanto, a proposta de Marcuschi é que não há inovação total dos gêneros e sim a atualização frente à tecnologia. As novas formas de

organização, ou seja, as mudanças linguísticas, surgem para atender às demandas sociais. A carta é o exemplo mais nítido. É um gênero que exige uma polidez diante do interlocutor, um formato fixo, objetivo informativo etc. No entanto, com o advento da tecnologia transformou-se em outros gêneros como o e-mail, a correspondência eletrônica. Dentre as novas características, o e-mail dispensa data, tendo em vista de que na estrutura tecnológica da mídia, já há esta informação.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo Rojo (2008), discutem e põem em xeque a relevância e como os gêneros discursivos deverão se articular em meio à didatização. A partir da leitura crítica da autora, chega-se à ideia de que os PCNs, na verdade, mostram influência direta com as teorias textuais, como a teoria bakhtianiana e o diálogo entre gênero e escola da Universidade de Genebra. Dentro dessa perspectiva teórica, há três elementos que irão circundar a constituição dos gêneros do discurso. São eles: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Estes elementos, na visão de Bakhtin, “estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de determinada esfera da comunicação” (ROJO, 2008, p. 93).

Dentro desse diálogo teórico, em consonância com o entendimento do que preveem os PCNs, percebe-se que o ensino de língua portuguesa deve privilegiar um espaço para as práticas de uso da linguagem, sejam elas concebidas em uma dimensão histórica. Dessa forma, para compreender os gêneros do discurso, em práticas sociais situadas, é necessário examinar, em outras palavras, as dimensões sociais, cognitivas e linguísticas contextualizadas em situações partilhadas de comunicação.

#### **4. Caminhos metodológicos: arcabouço da ADC**

Baseando-se na leitura crítica e reflexiva do modelo teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC), far-se-á esta pesquisa de cunho documental. Compreendendo a ADC como um aparato não só prático, como também metodológico em que se observam os passos para se construir as reflexões pertinentes a que um trabalho acadêmico está subordinado.

A ADC ampara esta pesquisa, uma vez que, em sua agenda, estão inseridos os apontamentos de questões para interação do problema com o seu pesquisador, podendo

promover, problematizar, solucionar, ou apenas apontar que ali existem relações de poder, envolvendo a linguagem e constituindo-a como um espelho do que acontece na realidade. Em uma perspectiva macro, a linguística crítica bebe de fontes distintas do conhecimento e se constata, facilmente, o seu caráter transdisciplinar. Não se trata de negar os elementos linguísticos e supervalorizar a natureza social da linguagem, a ADC está longe dessas considerações, na verdade, trata-se de usar um arcabouço teórico-prático, de modo a construir e transformar a realidade social em que se contextualiza o problema de pesquisa.

Este artigo é fruto de uma pesquisa inscrita no projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade de Brasília intitulado “Sujeito leitor e sujeito escrito- discurso, identidade e ideologia”, coordenado pela profa. Dra. Juliana Dias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa no bojo da Análise de Discurso Crítica, orientada para análise documental (FLICK, 2009) que é um método de pesquisa e de coleta de dados que, em pesquisas de natureza qualitativa, serve para complementar informações já obtidas e para evidenciar novos aspectos ligados a uma temática específica. Neste trabalho, as propostas de redação do vestibular e do PAS da Universidade de Brasília constituem os documentos que forneceram dados referentes à construção de identidades sociais dos candidatos à ingressarem na universidade e também dados concernentes aos processos de hibridizações, locais e globais, dos gêneros textuais das propostas, o que pode ser constatado por meio de uma análise longitudinal comparativa. Nosso corpus de análise é composto por ---- propostas de redação no período dos últimos dois a quatro anos da Universidade de Brasília, promovido pelo Cespe (Centro de Seleção e Promoção de Eventos).

Uma análise ancorada nos pressupostos metodológicos da ADC coaduna com uma concepção mais crítica para “documentos”, como a de Prior (2003:2), segundo qual é preciso considerar a natureza dos documentos analisados para que seja possível nos distanciarmos

de um conceito que os considere como artefatos estáveis, estáticos e pré-definidos. Em vez disso, devemos considera-los em termos de campos, de estruturas e de redes de ação. De fato, o *status* das coisas enquanto “documentos” depende precisamente das formas como esses objetos estão integrados nos campos de ação, e os documentos só podem ser definidos em relação a esses campos (PRIOR, 2003, p.

2 apud FLICK, 2009, p. 230 – 231).

Por ser a Análise de Discurso Crítica uma área transdisciplinar, há, na ACD, uma combinação de teorias, métodos de observação, descrição/análise e aplicações que variam conforme os objetivos da pesquisa, da natureza dos dados e dos interesses do pesquisador (FAIRCLOUGH (1992, p. 275).

Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentam uma proposta de explanação crítica para os estudos dos problemas sociais com perspectiva de mudança por meio da análise de seus mecanismos. Dias (2011) apresenta uma recontextualização desse o arcabouço teórico-metodológico da ACD especialmente voltado para pesquisa que inserem em sua agenda a preocupação com as identidades. O arcabouço está dividido em cinco partes e propicia a aliança entre a microanálise (análise do discurso propriamente dita/textual) e a macroanálise (análise da conjuntura e da prática particular), trabalhando a fim de propiciar uma análise mais completa e dialética que relaciona questões de nível textual àquelas do nível social no que se refere às formas como as relações de poder são operacionalizadas nas redes de práticas e estruturas (Chouliaraki e Fairclough,1999).

1) Questão motivadora
2) Aprofundando a questão: a) Análise da conjuntura; b) Análise do discurso: (i) Análise interdiscursiva (ii) Análise linguística c) Análise das identidades
3) Definindo os principais desafios
4) Reconfigurando a questão
5) Refletindo sobre a análise

Consideramos que, ao longo desse artigo, contemplamos a parte 1 e a 2 (a) na primeira parte da nossa explanação. A partir de agora nos debruçaremos sobre os demais itens do arcabouço, de modo que na próxima seção- qual seja, de análise dos dados, possamos abarcar todo o item 2 do quadro. Os itens 3, 4 e 5 serão discutidos nas considerações finais desse trabalho.

## 5. Análise dos dados

Sabe-se que a produção de texto é vista, diversas vezes, como um calvário, um martírio para os alunos do Ensino Médio e ainda é possível visualizar que esse é o momento pelo qual diversos professores se apropriam para exercer o poder de coerção, atribuindo à produção discente diversos deslizes gramaticais, corrigidos, na maioria das vezes, à caneta de cor diferenciada (vermelha, verde, rosa, alaranjada).

Consideramos ainda que é o momento mais crítico em que os estudantes deveriam comprovar o conhecimento das articulações entre as disciplinas. Em um mundo multissemiótico, pós-moderno, vê-se que a leitura é algo que acontece sim, mas de gêneros poucos trabalhados pela escola. Em mesas de debate, por exemplo, o conservadorismo elitista desconsidera a leitura que os alunos produzem de gêneros como histórias em quadrinhos, animes, best-sellers de leitura massificada como os exemplares de Harry Potter, Percy Jackson, A Cabana, A Cidade do Sol, Comer, Rezar & Amar. Por que não trabalhar com esses gêneros? Classifica-se essa leitura como pobre, desnecessária, descontextualizada e que influencia negativamente as produções escritas dos alunos do Ensino Médio. Acredito ainda que essa perspectiva não necessita de embasamento teórico, uma vez que participa do senso comum.

O que queremos dizer aqui é a reflexão do que seria uma leitura produtiva que poderia influenciar positivamente a produção de textos dos alunos. Percebe-se que os alunos do Ensino Médio vivenciam uma multiplicidade de gêneros, seja no meio analógico e no meio digital, em especial, e se se deparam com esses, por que não levá-los para a sala de aula? Um ponto ainda a ser salientado em relação à sala de aula, no século XXI, é a produção de textos como forma de ser aprovado em somente um tipo de seleção o vestibular. Interessante que a sociedade moderna, por exemplo, exige que, ao final do ensino médio, o aluno já tenha construído todo um planejamento sobre o seu futuro, pois ele não pode falhar, tampouco trocar de curso, uma vez que estará perdendo tempo? Contraditório perceber que senso crítico é necessário, essencial, mas se trabalha muito mais com a reprodução de expressões em textos dissertativos do que a própria consciência cidadã que é esperada pela banca avaliadora.

Então, dissertação, este é um tema para uma seção, mas resumindo-nos é a tipologia mais cobrada em grande parte dos vestibulares, mediada obviamente por um

padrão de respostas dissertativas em que se cobra conhecimento gramática, exposição clara e progressiva de ideias. Em relação a isto, ainda há de se considerar que grande parte desses textos são relativamente semelhantes, são simples reproduções de posturas como expressões chavões ou clichês, como por exemplo, “na situação moderna”, “nesse viés crítico”, “atualmente”, “conscientização da população”, “desde os primórdios”, “desde a revolução industrial”, “o voto como sufrágio universal”.

Percebemos ainda que hoje a situação é apenas um treinamento ou adestramento para exames vestibulares, uma vez que a escola que atinge a essa meta de modo significativo. Ensina-se aos alunos como não usar a primeira pessoa, portanto, ou se amalgama ao verbo a partícula “se”, ou se escreve em orações subjetivas, como em: “Podemos” se transforma em “pode-se” ou “é possível poder”, por exemplo. Não se deve usar, em nenhuma hipótese, expressões coloquiais como “correr atrás”, “abrir mão”, etc. Etc., excelente exemplo, nunca deve ser usado, como dizem alguns manuais de redação.

Refletimos, aqui, sobretudo, em relação a essas práticas que hoje têm sido distorcidas, haja vista que diversos vestibulares em contexto nacional têm aberto a cabeça para novos gêneros, em grande parte argumentativos, é claro, mas que a habilidade de produzir textos será novamente cobrado. É isso que se espera da escola, a produção de gêneros das mais variadas formas de forma qualitativa. É importante perceber que isso tem mudado, como por exemplo, em um vestibular do 1º semestre de 2012 da Universidade de Brasília, eram cobradas diferentes competências em gêneros como análise de textos literários na produção de texto expositivo com base em comparação, ou ainda um texto instrucional de como chegar a um museu específico de história regional, assim como a produção de texto dissertativo-argumentativo. Em suma, o que quero dizer é que a escola negligenciou durante muitos anos a produção de textos em modalidades gerais, mas que hoje essa prática deve mudar, pois vestibulares têm cobrado. De fato, a situação deveria ter vindo naturalmente, pela observância da escola das cobranças dos PCNs, não o aconteceu, mas os próprios vestibulares refletem, de modo significativo, essa mudança de postura. Se não aconteceu a mudança da base para a academia, o contrário tem acontecido de modo regular, mas também significativo.

### **5.1 Contextualizando os eventos de pesquisa**

Neste artigo, examinamos dois objetos distintos para elencar discussões pertinentes às considerações sobre a Análise de Discurso Crítica. São eles o vestibular tradicional e a prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS).

O vestibular tradicional, como é de conhecimento da população brasileira, tornou-se um passo decisivo para o crescimento intelectual e a formação profissional dos jovens. No Brasil, compreendendo a ineficácia na educação pública, sobretudo, nos últimos quarenta anos, é natural que se saiba que o ensino gratuito só é de qualidade e merecedor de respeito nas Universidades Federais. Como muito se fala, passar em uma Universidade “não é para todos”, segundo os discursos cotidianos. Daí se percebe a construção ideológica e opressora que as Universidades exercem sobre a sociedade e os sujeitos que estão no início do percurso acadêmico-profissional.

Nesse sentido, é importante observar que a Universidade, por manter padrões de excelência em pesquisa, ensino e extensão, se diferencia das outras instituições de ensino superior que também realizam tal preceito. Dessa forma, é de se esperar que a forma de ingresso às Universidades Federais também sejam diferentes e naturalmente exijam de seus candidatos competência. Tal competência se tornou objeto de desejo para muitos indivíduos, além de constituir um alicerce para a educação privada, tal como acontece em diversas escolas que preparam seus alunos, não em uma perspectiva pedagógica construtivista ou libertadora, seguindo a concepção acional e protagonista do cidadão do século XXI, mas somente os treinam, ou adestram, para dizer de forma mais clara, a realizar esta prova em dois dias.

Muitos conteúdos não fazem sentido e são somente a mera reprodução de um currículo defasado que coloca a memorização como efeito mais importante do ensino e não da educação efetiva e transformadora. O vestibular, portanto, é uma forma de acesso às Universidades que também condiz à exclusão social, assim entendemos sua força opressora tanto socialmente, quanto econômica, cultural e discursivamente.

O Programa de Avaliação Seriada (PAS), forma alternativa de ingresso na Universidade de Brasília, constitui um exame-vestibular que ocorre progressivamente nos três anos do ensino médio para alunos regularmente matriculados, tanto na

rede pública, quanto na rede privado. Naturalmente, mensura-se que este programa fora idealizado em meados dos anos 1980, no entanto só se concretizou no ano de 1995, durante a gestão de Cristovam Buarque, hoje senador da República.

Como é de se esperar, esse programa seriado passou por diversas modificações em seu rico e histórico caminho. Inicialmente, era constituído por grupos de questões com itens de julgamento de certo e errado e havia um grupo de questões discursivas entre 15 e 20 alunos. Depois, tornaram-se comuns as provas separadas por blocos, com humanas e exatas em dias diferentes. Mais à frente, as provas incluíram as disciplinas de artes e línguas estrangeiras. Logo após, houve a inserção de questões discursivas, as quais se chamam de tipo D e hoje também existe uma prova de redação em língua portuguesa, de caráter classificatório e eliminatório. É válido considerar que as medidas de eliminação, classificação e aprovação só são divulgadas ao final do triênio.

Em meio à modernidade, na qual se destaca a preocupação com a educação transdisciplinar, sabe-se que tais considerações também irão se destacar para a realidade das universidades e suas respectivas formas de ingresso. Nesse sentido, a agenda do Programa de Avaliação Seriada também foi modificada: hoje a prova consiste em um exame multidisciplinar, com objetos de avaliação específicos e divulgados anteriormente. Aqui também vale refletir a natureza discursiva e cultural que uma avaliação de tal porte adquire na sociedade brasiliense, uma vez que é uma porta de entrada relativamente alcançável, sobretudo para os cursos de maior concorrência, dada a não inclusão de todo o conteúdo de ensino médio e a sua possibilidade de recuperação de notas na etapa seguinte do processo.

## **5.2 Breves exames sobre algumas provas de vestibulares**

A prova de redação da 1ª etapa do PAS, subprograma 2011, 2012 e 2013, realmente inquieta a todo e qualquer professor que trabalhe com os vestibulares das grandes universidades brasileiras. Quando dizemos “professores de vestibulares”, queremos colocar o foco sobre a indústria do vestibular e do PAS que se instaura sobre o contexto brasiliense. Veja a seguir a figura 1 (prova do PAS - 1ª Etapa 2011/MAR):

**REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**ATENÇÃO:** Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, escreva o texto na **folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa**, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na **folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa**, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente. Identifique-se apenas nos locais apropriados, pois será atribuída nota zero ao texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora desses locais.



Internet: <www.fotoimagens.com>

O mar, como tudo mais — também as pessoas —, é o seu próprio escondido, que, à noite, chega à superfície procurando não se sabe o quê, talvez buscando apenas quem o escute e entenda.

Lya Luft. *Mar de dentro*. São Paulo: Arx, 2002, p.90.

Lá está o barquinho de velas brancas, navegando no mar! Bem que ele poderia navegar só nas baías e enseadas, onde não há perigo e o mar é sempre manso. Mas não! Deixando a solidez da terra firme, ele se aventura. A vida é assim mesmo. É sempre possível deixar o barco atracado ou só navegar nas baías mansas. Ai não há perigo de naufrágio, mas não há o prazer do calafrio e do desconhecido.

Rubem Alves. *Na morada das palavras*. Campinas/SP: Papyrus, 2003, p. 74-5 (com adaptações).

Poseidon, deus do mar e deus criador de *tsunamis*. É ele quem provoca tremores de terra, tempestades e acalma as águas.



Walter Crane. *Cavalos de Netuno*, óleo sobre tela, 1892.

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães  
choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.

Fernando Pessoa. *Mar português*.

Sítios subaquáticos de navios naufragados são verdadeiras cápsulas do tempo, de enorme importância para o conhecimento do passado. Esses sítios são fontes de pesquisa para os arqueólogos, que podem ter contato direto com restos de materiais que são testemunhos de determinada época e cultura.

Três quartos da superfície do planeta estão cobertos de água. Dizem alguns que conhecemos mais sobre a superfície da Lua que sobre o fundo do mar. Que seres ali habitam? Como vivem, como se reproduzem? Que perigos? Que belezas? O mar é uma caixa-preta!



Internet: <www.fotoimagens.com>

As ilustrações e os textos acima têm em comum ideias e impressões sobre o mar. O que lhe sugerem? Que associações? Assuma a tarefa de produzir, em prosa, seu próprio texto sobre o mar.

Inicialmente já há questões, no mínimo instigantes, ao se considerar que o aluno deve assumir a posição de um produtor de um texto em prosa que apresente informações relativas ao “mar”. A natureza subjetiva da prova é colocada da forma mais intensa possível, uma vez que é normal e de consenso que os vestibulares tradicionais escolham temas objetivos para a elaboração de textos com propostas de solução, ou caso ainda se usem temas subjetivos, relações de causa e consequência e ligação com o

cotidiano para explorar a criatividade autoral. A subjetividade da linguagem, conforme muitos autores defendem, reflete a capacidade mais distante da natureza anímica do ser humano. Por isso, trata-se de um trunfo da linguagem humana mostrar o mundo que queremos vivenciar ou imaginar, somente.

Os textos motivadores constituem uma coletânea bastante abrangente de gêneros distintos caso se avaliem suas procedências. Há textos literários que pertencem ao cânone português, por meio do legendário texto de Pessoa que liga o caráter biográfico, identitário e histórico das saídas náuticas lusitanas à Nova América, desconhecida e cheia de riquezas naturais. Outros textos informativos que demonstram o quão o mar se liga a histórias de vida e morte, naufrágios, viagens são objetos de pesquisa para compreender o passado da humanidade, consolidando a natureza do sujeito descentrado, como apresentado por Hall, que discute a identidade como um objeto plural.

Textos contemporâneos, explorando outras habilidades linguístico-discursivas, também aparecem na coletânea. É o caso das imagens que conseguem exprimir muitas ideias sobre a humanidade: do avanço dos instrumentos náuticos por meio de barcos à vela, à representação de navios naufragados, passando pela natureza mitológica de Poseidon como “rei dos mares” ou “divindades” sem nome definidos ou nomes distintos, figura marcante para as diversas religiões ou formas alternativas de crenças no mundo.

A proposta do ano seguinte também referente à 1ª etapa, mas do subprograma 2012, 2013 e 2014, teve um comportamento diferenciado. Há pontos em comum, no entanto a temática consolidou-se em um modelo mais objetivo de prova de redação. Como defendemos a subjetividade abre espaço para a identidade autoral, uma vez que reitera experiências pessoais, sistemas de crenças, práticas particulares. O texto exigido no ano seguinte com o tema “tatuagem” exige um aluno mais centrado, mais claro e maduro em relação a um posicionamento crítico e/ou reflexivo sobre as práticas sociais, nas quais nos enquadrados. Veja a seguir a figura 2 (prova do PAS – 1ª Etapa2012/Tatuagem):

**REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**ATENÇÃO:** Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, escreva o texto na **folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa**, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na **folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa**, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente. Identifique-se apenas nos locais apropriados, pois será atribuída nota zero ao texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora desses locais.

**Os tatuadores**

Era um peixe de onze anos talvez. A roupa em bangalhos, os pés nus, as mãos pouco limpas e um certo ar de dignidade na pergunta. O interesse: um rapazão loiro, com uma doçada carne de adolescente, sentado a uma porta, indagou:  
 — Por quanto?  
 — É conforme — continuou o peixe — É inicial ou corado?  
 — Com nome bonito?  
 O rapaz hesitou. Depois:  
 — Sim, com nome: Maria Jazefina.  
 — Fica tu só por uns seis mil réis.  
 O rapazão sorriu. Afinal resignou-se, arregalou a manga da camisa de mão, dando em relevo a musculatura do braço. O peixe ficou do lado dele, aguçada a atenção, um pé de cada lado, julgando e corrigindo a tatuagem. Era na sua Clapp, perto do casil, no século XIX... A tatuagem? Será então verdade a frase de Goussier: "o mais belo homem semia que o ornamento seja uma linha indelével de separação entre ele e o animal", quando não pode entrar as próprias roupas, tecer a pele?"



A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Cook que a introduziu no Ocidente, e esse escritor tatuou, tendo da Polinésia de tatu ou tu sabou, "desenho". Muitos dizem mesmo que a palavra surgiu no ruído perceptível da agulha na pele: toc, toc.  
 A tatuagem é a invisibilidade do corpo e a história dos painéis. Esses rascos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos — são a exteriorização da alma de quem os faz.



**Textualização do corpo: a escritura de si**



Algumas características fazem parte desse ritual ocidental de inscrever a letra na pele, tatuagem: desde a escolha do motivo até o lugar em que é feita, isso passa, segundo um tatuador, por um gesto primitivo de uma relação originária consigo mesmo e com o mundo: segundo outro, é uma forma de dar mais poder ao corpo. Muitas são as "razões" que vamos encontrar. Quando se pergunta para os tatuados, as respostas também são variadas. "Fiz eu fiz por causa de meu irmão. Ele desenhou a tatuagem e eu fiz", ou uma garota com uma tatuagem na parte baixa do corpo, uma coisa é certa: quem faz uma tatuagem faz sem vontade de fazer outra. E este é um movimento interessante, sintomático, pois mostra que a pele, o corpo, uma vez que se entra nesse processo, passa a ser visto, sentido, como um texto.  
 Pensando uma sociedade da palavra como a nossa, em que a abundância de processos, de modos de difusão e de materiais de sustentação dos sentidos fica bem visível, acentua-se que expõem o sujeito a uma visibilidade constante. E aí é que faz sentido pensar um corpo que se inscreve da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos — são a exteriorização da alma de quem os faz. A posição sujeito, desse modo, corresponde ao sujeito como corpo simbólico.

Os fragmentos de texto acima tratam do costume de tatuar o corpo. Os primeiros fazem parte de um texto escrito em 1908, e o seguinte, de texto escrito em 2004. O terceiro texto será o seu, escrito agora, em 2012. Organize suas ideias e expresse sua opinião a respeito

- do costume de tatuar o corpo e
- do desejo de muitas pessoas de ter o corpo tatuado.

É interessante perceber que o dialogismo, fruto da perspectiva teórica de Bakhtin, aparece na prova de maneira irrefutável, da mesma forma que acontece na prova referente ao texto do “mar”. Os examinadores colocam em tônica que há um texto escrito em 1908, outro em 2004, e agora haverá outro em 2012. O caráter espaço-temporal, conforme as reflexões de Giddens e Bauman, é evidenciado.

A identidade do aluno será, então, valorizada a partir da linha argumentativa que se pretende levar aos seguintes os pontos que são exigidos pela banca. Esta solicita que, na elaboração do texto, sejam discutidos o costume de se tatuar e o desejo de ter o corpo tatuado. Vale ressaltar aqui que a análise para o texto sugere que a “tatuagem” constitui uma prática social, que elenca, em suas idiossincrasias, um costume, um elemento da vida social, assim como Fairclough (1999) compete como integrante da vida social. Em determinados tempos, tatuar-se pode integrar parte de um ritual, ou um caminho para uma transformação de uma sociedade. Depois ao se considerar a modernidade como os espaços para a individualidade, como se dizem na leitura de Hall, ao mostrar que cresceram os interesses para os tipos “locais” e não somente na tentativa de homogeneizar o “global”. Está aí um dos diferenciais de um aluno: mostrar que a tatuagem constitui modismos, assim como reflete subjetivismos, portanto, uma prática plural e contraditória, da mesma maneira que se alimentam as identidades do sujeito pós-moderno.

A terceira proposta de redação, esta do vestibular tradicional de 2012 da Universidade de Brasília, também tem pontos em comum e pontos divergentes para a análise que aqui estamos traçando. O tema, apesar de subjetivo, nucleado por um sintagma nominal “aprendizes do ‘silêncio’ e da ‘palavra’”, tem um forte poder social, uma vez que relaciona as diversas formas de ação pela qual o jovem se torna responsável. Veja a seguir a Figura 3 (prova do vestibular – 2012/Silêncio e Palavra):

### REDAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**ATENÇÃO:** Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho no presente caderno. Em seguida, escreva o texto na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na folha de texto definitivo da prova de redação em língua portuguesa, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.

No Renascimento, as filosofias humanistas tenderam a proclamar a superioridade do homem em relação ao reino da natureza; na Modernidade, essa interpretação adquiriu maior complexidade, à medida que a condição biológica humana foi sendo admitida e que a própria natureza passou a ser concebida como um fenômeno em permanente transformação.

Silinda C. A. Pedroni. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: Revista Brasileira, vol. 26, n.º 51, São Paulo, Universidade Estadual de Maringá, jan.-jun./2006.

Nada do que posso me alucina  
Tanto quanto o que não fiz  
Nada do que eu quero me suprime  
Do que por não saber ainda não quis

Só uma palavra me devora  
Aquele que meu coração não diz  
Só o que me cega, o que me faz infeliz  
É o brilho do olhar que eu não sofri

Abel Silva e Sueli Costa. Jara secretária (fragmento).

Os jovens de hoje já foram acusados de tudo: distraídos, superficiais e até egoístas, mas, aos poucos, estão provocando uma revolução silenciosa, levando a sociedade a um novo estágio, que será muito diferente do que conhecemos.

Internet: "revintagilho.globo.com" (com adaptações).

Considerando os excertos e as imagens acima como motivadores, redija um texto expositivo-argumentativo sobre o tema a seguir.

#### JOVENS DE HOJE: APRENDIZES DA PALAVRA E DO SILÊNCIO

Ao elaborar o seu texto, explicita como a juventude atual lida com a palavra e com o silêncio na construção de seus valores e de sua identidade.

Naturalmente, nesta análise, é importante perceber que o tema de redação abre um leque de possibilidades que se fazem mais que presentes no mundo moderno. O candidato crítico pode apresentar argumentos que demonstram o quanto a realidade é moldada pela linguagem, assim como a sua natureza social existe e é crucial para a construção dos valores e identidades (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). O silêncio e a palavra condicionam situações, práticas e eventos sociais específicos para a sociedade letrada. Como um ser eminentemente social, o homem reitera a sua capacidade de constituir o mundo e construí-lo a partir da linguagem, por meio de eventos. Em sociedades conservadoras, o silêncio é categórico para os que estão submissos à vontade de entes decisivos, como pais e irmãos nas sociedades do Oriente Médio. Nas sociedades do mundo Ocidental, por sua vez, a mulher tem voz ativa, no contexto contemporâneo, e passa a corroborar diversos temas de natureza social, política e econômica. Assim, a palavra constitui a linguagem, o poder de persuasão, as formas de ação social, em outros termos, os sentidos “acional”, “representacional” e “identificacional” a que Fairclough (1999) já faz referência.

Um outro ponto a ser salientado é que se torna óbvio o direcionamento da leitura dos textos motivadores para que os candidatos venham a mostrar a condição histórica da modernidade, na qual se explicitam os direitos das minorias, ou seja, grupos locais, consoante o que já foi dito aqui. Assim sendo, referências às sociedades ágrafas, à condição retórica da Antiguidade Clássica, às transformações sociais do fim do século XX são assuntos esperados pelo candidato. A identidade, então, do candidato é fluida, mais uma vez, bipartida entre dois ramos (silêncio e palavra), os quais demonstram uma ligação direta com a descentração do sujeito iluminista (HALL) que é levada adiante junto com a era moderna, contemporânea e a atual conjuntura.

## **6. Considerações Finais**

Para explicitar as considerações finais a partir dos levantamentos teóricos e metodológicos da pesquisa aqui apresentada, considera-se que tanto o vestibular quanto o Programa de Avaliação Seriada exercem relações de poder significativa no campo social, portanto, cabem no bojo da Análise de Discurso Crítica para

pesquisas qualitativas de cunho documental. Assim sendo, propõe-se um quadro-resumo, no qual se colocam os pontos mais importantes da discussão aqui levantada.

<b>QUADRO-RESUMO</b>		
<b>Programa de Avaliação Seriada</b>		<b>Vestibular Tradicional</b>
<i>Mar – 1ª Etapa/2011</i>	<i>Tatuagem – 1ª Etapa/2012</i>	<i>Silêncio e Palavra/2012</i>
Concepção de linguagem como evento social, no qual se fundem identidades		
Tema + Subjetivo	Tema + Social	Tema +/-subjetivo +/- social
Textos conotativos, literários e multimodais	Textos denotativos	Textos motivadores conotativos, literários e multimodais
Condição histórico-espacial é colocada em evidência		
Texto + Dialógico	Texto + Dialógico	Texto - Dialógico

A visão de linguagem dos exames em questão é centrada na dialogicidade, proposta por Bakhtin e recuperada por Foucault e Fairclough, na Análise de Discurso, aquele na linha francesa e este na inglesa. Os textos exigidos podem se misturar em tipos distintos de argumentos, seja na persuasão subjetiva, conotativa e metafórica, seja na construção do raciocínio objetivo, denotativo e referencial. Para a compreensão dos textos, há a necessidade de uma leitura crítica de eventos que tiveram relevância para a humanidade, compreendendo, nesse contexto, a literatura, as artes plásticas e a sabedoria popular. Além de tudo isso, o candidato deve mostrar-se reflexivo para as práticas sociais contemporâneas e atentar-se no esteio do texto como agente social, incluindo imagens, sons, vozes e textos verbais de diversas naturezas contribuindo para a leitura de uma só mensagem.

## 7. REFERÊNCIAS

DIAS, Juliana. **A abordagem do texto em sala de aula pela Análise Crítica de Gênero.** II SIELP- II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, UberUniv. Federal de Uberlândia, 30/05 a 1º/06. 2012.

DIAS, Juliana. **Gêneros discursivos: Teoria e Ensino**. ABRALIN, VII Congresso Internacional da ABRALIN-UFPR. 07-09 de fevereiro de 2011. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º Ciclos**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

DIAS, Juliana. **A linguística do parto: cruzamentos de discursos, vozes e identidades**. Pontes Editora, no prelo.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Trad. Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade em questão**. In: \_ . A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: **Discursos de Identidades – discursos como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MOTTA-ROTH, Desirée. **Teorias de Gêneros Discursivos e Ensino de Línguas**. VI SIGET, Natal/UFRN. 2011.

RESENDE, Viviane de Melo & RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, Maria Elias. **A produção de textos na escola**. Revista do GELNE. Ano 1. Nº. 1. 1999.

VIEIRA, Josênia Antunes; ROCHA, Harrison da; MAROUN, Cristiane & FERRAZ, Janaína de Aquino. **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis: Vozes, 2007.

Viviane & RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2011.